

# Ensaios & Opiniões

## Etimologia e pronúncia dos nomes dos crocodilianos e quelônios do Brasil

---

Henrique C. Costa<sup>1</sup>, Rafael G. Rigolon<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 36036-900 Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: [ccostah@gmail.com](mailto:ccostah@gmail.com)

<sup>2</sup> Departamento de Biologia Geral, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Viçosa, 36570-900 Viçosa, MG, Brasil. E-mail: [rafael.rigolon@ufv.br](mailto:rafael.rigolon@ufv.br)

DOI: 10.5281/zenodo.7410962

**A** Nomenclatura Zoológica (ou Zoonomenclatura) é uma ferramenta indispensável nas mais distintas áreas da Biologia. Embora, num primeiro momento, ela seja associada à Taxonomia, outras linhas de pesquisa utilizam os nomes científicos para informar de forma inequívoca e universal a identidade dos táxons estudados. Os regimentos que definem a Zoonomenclatura são apresentados pelo Código Internacional de Nomenclatura Zoológica, atualmente em sua quarta edição (ICZN, 1999). Apesar das diversas – por vezes complexas e talvez antiquadas – regras presentes no Código, taxonomistas zoológicos possuem grande liberdade para nomear novos táxons, desde que grafado apenas com letras do alfabeto latino, como deixa claro o Artigo 11, onde se

lê (tradução livre): “Desde que atenda aos requisitos deste Capítulo, um nome pode ser uma palavra do latim, grego ou qualquer outro idioma (mesmo sem alfabeto), ou ser formado a partir dessa palavra. Pode ser uma combinação arbitrária de letras, desde que seja formada para ser usada como uma palavra.”

Tamanha liberdade na escolha de nomes científicos permite que zootaxonomistas soltem a imaginação e criem nomes cuja etimologia vai além de fornecer informações sobre a cor, a morfologia, a procedência do táxon, ou fazer uma homenagem a outras pessoas, por exemplo. Nomes sem significado, anagramas, jogos de palavras, referências à cultura popular são apenas alguns exemplos da vastidão de nomes criados

por taxonomistas na Zoologia, em latim, grego, tupi, entre outras línguas (Larsen, 2007; Dance, 2009; Lalchhandama, 2014). Graças a essa característica curiosa da Zoonomenclatura, há trabalhos que buscam compilar a etimologia do nome científico em diferentes contextos taxonômicos e/ou geográficos, desde o *Nomenclator Zoologicus* de Louis Agassiz (Agassiz, 1847) a obras restritas a, por exemplo, epônimos de anfíbios, mamíferos e répteis (Beolens et al., 2009, 2011, 2013), mamíferos da Argentina (Braun & Mares, 1995; Mouchard, 2019), anfíbios do Brasil (Lavilla et al., 2022), mamíferos (gêneros e famílias) (Palmer, 1904), aves (Jobling, 2010) e peixes do mundo (Scharpf & Lazara, 2022), ou uma seleção de táxons de diferentes grupos (Gotch, 1996). Afinal, quem nunca se perguntou por que determinado táxon recebeu esse ou aquele nome? Indo além, uma análise refinada da etimologia dos nomes científicos pode revelar mais que os nomes em si, possivelmente mostrando um pouco sobre a personalidade de alguns taxonomistas e até sobre a sociedade da época em que o nome foi cunhado. Tendo isso em mente, nossa intenção foi explorar a origem por trás dos nomes científicos dos répteis brasileiros, uma iniciativa inédita. Sendo o Brasil um dos países com a maior riqueza de répteis no mundo (Costa et al., 2022), optamos por dividir este hercúleo trabalho em partes, iniciando com quelônios e crocodilianos.

A etimologia dos nomes a seguir foi obtida por diversas fontes. Em alguns casos esta foi apresentada na própria descrição do táxon (e.g., Wagler, 1830; Duméril & Bibron, 1835; Bour & Zaher, 2005; Vargas-Ramírez et al., 2020; Cunha et al., 2021); noutros, nos baseamos em dicionários/léxicos (Liddell & Scott, 1883; Brown, 1954; Borrer, 1960) ou em obras que já haviam se dedicado à origem do nome daquele táxon (Ernst & Barbour, 1989; Gotch, 1996; Beolens et al., 2011). Apenas nomes de gêneros e espécies atualmente válidos e reconhecidos para o Brasil (Costa et al., 2022; Cunha et al., 2022) serão considerados e listados em ordem alfabética.

A pronúncia do latim científico, língua dos nomes científicos, é regionalizada, podendo sofrer variações de acordo com a língua nativa do falante. Aqui, utilizaremos a proposta de pronúncia do latim científico para lusófonos, utilizando grafemas do Alfabeto Fonético Internacional (Rigolon, 2019), escritos entre barras. Então, temos a seguinte equivalência de grafemas e sons: /ɛ/: som de ‘e’ em ‘pé’; /ʒ/: som de ‘g’ em ‘gel’; /j/: som de ‘i’ em ‘maio’; /ɔ/: som de ‘o’ em ‘sol’; /r/: som de ‘r’ em ‘caro’ e ‘mar’; /w/: som de ‘u’ em ‘cauda’. Os demais grafemas têm o mesmo valor do som das respectivas letras na língua portuguesa, em posição de sílaba inicial. O sinal de plica (‘) antecede a sílaba tônica. Assim, por exemplo, ‘jacaré’ é transcrito no AFI como /ʒakaˈrɛ/.

## ETIMOLOGIAS

### CROCODILIANOS

**Alligatoridae.** /aliga'tɔride/. Alligatoridae Gray, 1844: do gênero *Alligator* e *-idae* (sufixo de família, do grego *eîdos* [forma, tipo]): Aligatoriédeos. As espécies atuais de *Alligator* são nativas dos EUA e da China. Alguns autores consideram que o nome é uma corruptela do espanhol “*el lagarto*” (Brown, 1954; Partridge, 2006); cabe lembrar que mesmo na sistemática zoológica os crocodilianos foram por muito tempo considerados lagartos, sendo Henri M. D. de Blainville (1777–1850) o primeiro a classificá-los em um grupo à parte, *Emydo-Sauriens* (Blainville, 1816; Adler, 2007). Louis Agassiz (1807–1873) sugere uma etimologia distinta, de que o nome deriva de *alligo* (apri-sionar) (Agassiz, 1844).

**Caiman.** /'kajmãn/. *Caiman* Spix, 1825: do espanhol *caimán* (caimão), por sua vez derivado do galibi (língua indígena caribenha) *acayuman* ou do taíno *kaimán* (Catalán Morcillo, 2016).

**crocodilus.** /krokɔ'dilus/. Do basônimo *Lacerta crocodilus* Linnaeus, 1758 (hoje *Caiman crocodilus*): do grego antigo *krokódeilos* (crocodilo). O médico e botânico Carl von Linné, ou Carolus Linnaeus (1707–1778), “pai da Taxonomia”, ao introduzir o uso da nomen-

clatura binominal na 10ª edição do seu *Systema Naturae*, considerou todos os crocodilianos dos quais tinha conhecimento, habitantes da África, Ásia e América, como uma única espécie, *Lacerta crocodilus*, cujo espécime usado na descrição foi um jacaré-tinga, hoje *C. crocodilus* (Mook & Mook, 1940).

**Crocodylia.** /kroko'dilia/. *Crocodylia* Deraniyagala, 1939: do grego antigo *krokódeilos* (crocodilo), cuja etimologia poderia ser “serpe de seixos”, a partir das palavras *króke* (seixos) e *drîlos* (serpe, verme) (Partridge, 2006), relacionado ao hábito dos crocodilos descansarem sobre as pedras. O nome *Crocodylia* é usado há décadas para se referir ao grupo dos crocodilianos modernos, e sua autoria foi recentemente debatida (Savage, 2017). Os nomes *Loricata* Merrem, 1820 (do latim *lorica*, couraça) e *Crocodili* Wagler, 1830, são mais antigos, mas, como o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica não rege os nomes de ordens, classes e outras categorias acima de superfamília, os taxonomistas têm preferido, por enquanto, conservar o nome *Crocodylia*.

**latirostris.** /lati'rɔstris/. Do basônimo *Crocodilus latirostris* Daudin, 1801 (hoje *Caiman latirostris*): do latim *latus* (largo, amplo) e *rostrum* (bico, focinho); trata-se da espécie de crocodiliano vivente que, proporcionalmente, possui o focinho mais largo (Verdade

& Piña, 2006). “*rostro lato, complanato;*” (Daudin, 1801).

**yacare.** /ja'kare/. Do basônimo *Crocodylus yacare* Daudin, 1801 (hoje *Caiman yacare*): do tupi-guarani *yakaré* (jacaré). François-Marie Daudin (1774–1804) baseou sua descrição na do engenheiro militar espanhol Felix d’Azara (?1742–1821), que viajou pelo território do atual Paraguai catalogando sua fauna (Azara, 1801; Cacciali et al., 2016) e afirmou que os guarani chamavam os crocodilianos de *yacaré*. “*Felix d’Azara, dans son Histoire naturelle des quadrupèdes du Paraguay, a donné la description d’un crocodile qu’il nomme yacaré, parce qu’il est ainsi appelé par les Guaranis.*” (Daudin, 1801).

**Melanosuchus.** /melãno'sukus/. *Melanosuchus* Gray, 1862: do grego antigo *mélanos* (negro) e *Soûkhos* (Suco, nome grego do deus egípcio *Sobek* [Sobeque], que tinha cabeça de crocodilo), em referência ao tom de cor predominante dos indivíduos. Na Taxonomia, o radical *-suchus* passou a fazer referência a crocodilianos em geral (incluindo linhagens pré-históricas). “*Back black, yellow-varied*” (Gray, 1862).

**niger.** /'niʒer/. Do basônimo *Caiman niger* Spix, 185 (hoje *Melanosuchus niger*): do latim *niger* (negro), em referência ao tom de cor predominante dos indivíduos. “*Corpus supra niger-*

*rimum, flavo sparsim maculatum vel subfasciatum, relucens, subtus immaculato-flavum; caput virescens, in maxilla inferiore fusco fasciatum,*” (Spix, 1825).

**Paleosuchus.** /paleo'sukus/. *Paleosuchus* Gray, 1862: do grego *palaiós* (antigo) e *Sôukhos* (Suco, nome grego do deus egípcio *Sobek* [Sobeque], que tinha cabeça de crocodilo). Na Taxonomia, o radical *-suchus* passou a fazer referência a crocodilianos em geral (incluindo linhagens pré-históricas). Infelizmente, o zoólogo britânico John Edward Gray (1800–1875) não explicou as razões que o levaram a cunhar esse nome, mas talvez seja por considerar alguma característica do gênero como primitiva (Magnusson, 1992a).

**palpebrosus.** /palpe'brɔzus/. Do basônimo *Crocodylus palpebrosus* Cuvier, 1807 (hoje *Paleosuchus palpebrosus*): do latim *palpebrosus* (de pálpebras grandes), em referência aos grandes ossículos palpebrais presentes nos indivíduos desta espécie (embora também presentes em *P. trigonatus*) (Magnusson, 1992b). “*Le caïman à paupières osseuses*” (Cuvier, 1807).

**trigonatus.** /trigo'natus/. Do basônimo *Crocodylus trigonatus* Schneider, 1801 (hoje *Paleosuchus trigonatus*): do grego antigo *treîs* (três) e *gonía* (quina, ângulo), possivelmente devido aos escudos dorsais proeminentes e trian-

gulares (Magnusson, 1992c). “*Scutorum dorsalium tuberculis sac carinus triangularis*” (Schneider, 1801).

## QUELÔNIOS

**Acanthochelys.** /akãn'tɔkelis/. *Acanthochelys* Gray, 1873: do grego antigo *ákantha* (espinho) e *khélus* (tartaruga), referente à presença de espinhos cônicos na porção posterior do pescoço das espécies. “*back of neck covered with conical spines*” (Gray, 1873).

**adiutrix.** /adi'utriks/. Do basônimo *Trachemys adiutrix* Vanzolini, 1995. O zoólogo e compositor brasileiro Paulo Emílio Vanzolini (1924–2013) homenageou Maria do Socorro Pinheiro, que o acompanhou nas pesquisas de campo que resultaram na descoberta da espécie. Em latim, o adjetivo *adiutrix* significa “ajudante, assistente, que socorre”. É tanto uma referência à companhia da pesquisadora quanto ao seu sobrenome, Socorro. “*Adiutrix, “helper”, feminine, is the closest I could get to rendering in Latin the given name Socorro (Maria do), in honor of the friend who rediscovered the turtle and was my companion in the sands of the Lençóis.*” (Vanzolini, 1995).

**Caretta, caretta.** /ka'reta/. (1) *Caretta* Rafinesque, 1814. (2) Do basônimo *Testudo caretta* Linnaeus, 1758 (hoje *Caretta caretta*). O médico e bo-

tânico Carl von Linné, ou Carolus Linnaeus (1707–1778), “pai da Taxonomia”, manteve o nome que o naturalista inglês John Ray (1627–1705) cunhou em 1693. Ray havia latinizado o nome francês *Tortuë Caret*, apresentado pelo pastor francês Charles de Rochefort (1605–1683) em *Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles de l’Amerique*, de 1658. Ao visitar as Antilhas, ele aprendeu que os franceses chamavam de *caret* o que os espanhóis corretamente pronunciavam *carey* (de Rochefort, 1658). O *carey* espanhol vem do *carey* taíno (língua dos indígenas habitantes das Antilhas), mas é usado para designar a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), não a tartaruga-cabeçuda (*C. caretta*) (The Taino Language Project, 2020).

**Chelidae.** /'kelide/. *Chelidae* Gray, 1825: do gênero *Chelus* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Quelídeos.

**Chelonia.** /ke'lonia/. *Chelonia* Brongniart, 1800: do grego antigo *khelónē*: tartaruga (Agassiz, 1844).

**Cheloniidae.** /kelo'niide/. *Cheloniidae* Opperl, 1811: do gênero *Chelonia* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Queloniídeos.

**Chelonoidis.** /kelo'nɔjdis/. *Chelonoidis* Fitzinger, 1835: do grego anti-

go *khelónē* (tartaruga) e *eîdos* (forma, tipo) (Agassiz, 1844). Muito provavelmente Fitzinger se referiu ao gênero *Chelonia*, de tartarugas marinhas. Ou seja, *Chelonoidis* seria “parecido com *Chelonia*”.

**carbonarius.** /karbo'narius/. Do basônimo *Testudo carbonaria* Spix, 1824 (hoje *Chelonoidis carbonarius*): do latim *carbonarius* (carvoeiro). Enquanto os anglofalantes chamam a espécie de *red-footed tortoise* (tartaruga de pés vermelhos) e os tupis, de *yawoti* /*yautí* / *îaboti piranga* (jabuti-vermelho, jabuti-piranga), por causa das escamas vermelhas das pernas e da cabeça desses jabutis, o naturalista e explorador bávaro Johann Baptist von Spix (1781–1826), que visitou o Brasil entre 1817 e 1820, preferiu dar mais ênfase à cor preta da carapaça (Ernst & Leuteritz, 1999a). Assim, o nome específico *carbonarius* pode ser entendido como “preto como carvão” ou “preto como um carvoeiro” (pessoa que fabrica carvão). “*scuta omnia vel viridi-nigra vel nigerrima*” (Spix, 1824).

**Chelus.** /'kelus/. *Chelus* Duméril, 1805: do grego antigo *khélus* (tartaruga) (Agassiz, 1844).

**coriacea.** /kofi'asea/. Do basônimo *Testudo coriacea* Vandellius, 1761 (hoje *Dermochelys coriacea*): do latim *coriacea* (coriácea, de couro), em referência ao aspecto de couro/pele da carapaça.

“*Truncus superne tegitur a corio nigro, & duro (...)* *Venter corio minus nigro & duro*” (Vandellius, 1761).

**denticulatus.** /dentiku'latus/. Do basônimo *Testudo denticulata* Linnaeus, 1766 (hoje *Chelonoidis denticulatus*): do latim *denticulatus* (denticulado, com pequenos dentes), uma referência às bordas anteriores e posteriores da carapaça, que são muito serrilhadas em filhotes e juvenis, base da descrição original de Lineu, mas apenas ligeiramente serrilhadas nos adultos (Ernst & Leuteritz, 1999b). “*Testa magnitudine ovi Meleagridis, fordide pallescens antice retusa, margine toto denticulata & quasi erosa*” (Linnaeus, 1766).

**Dermochelyidae.** /dɛrmoke'liide/. *Dermochelyidae* Baur, 1888: do gênero *Dermochelys* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Dermoqueliídeos.

**Dermochelys.** /der'mɔkelis/. *Dermochelys* Blainville, 1816: do grego antigo *dérma* (pele) e *khélus* (tartaruga) (Agassiz, 1844). O gênero leva no nome o aspecto de couro/pele na carapaça, principal característica da única espécie vivente, *Dermochelys coriacea*.

**dorbigni.** /dor'bigni/. Do basônimo *Emys dorbigni* Duméril & Bibron, 1835 (hoje *Trachemys dorbigni*): junção de d'Orbigny e *-i* (sufixo indicando

o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao naturalista francês Alcide d'Orbigny (1802–1857). Em 1826, d'Orbigny foi enviado pelo Museu de História Natural de Paris em uma expedição à América do Sul, onde visitou Brasil, Uruguai, Argentina, Bolívia, Chile e Peru, retornando à França em 1834 com vasta coleção naturalística (Papavero, 1971), incluindo o material utilizado na descrição de *T. dorbigni*, coletado por ele em Buenos Aires. “*Cette Émyde a été envoyée de Buenos-Ayres au Muséum d’histoire naturelle, par M. d’Orbigny.*” (Duméril & Bibron, 1835).

**dumerilianus.** /dumerili'ãnus/. Do basônimo *Emys dumeriliana* Schweigger, 1812 (hoje *Peltocephalus dumerilianus*): junção de Duméril e *-ana/-anus* (sufixo latim indicando pertencimento), em homenagem a André Marie Constant Duméril (1774–1860), zoólogo francês do Museu Nacional de História Natural, em Paris. Considerado um dos maiores herpetólogos da história e o maior taxonomista herpetológico de sua época (Adler, 1989), Duméril publicou diversas obras, entre elas *l’Erpétologie Générale ou Histoire Naturelle Complète des Reptiles* (nove volumes; 1834–1854) em colaboração com seu assistente, Gabriel Bibron (1806–1848), e seu filho, Auguste Henri André Duméril (1812–1870).

**Emydidae.** /e'midide/. Emydidae Rafinesque, 1815: do gênero *Emys* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Emidídeos. O gênero *Emys* não possui representantes nativos da fauna brasileira. O nome deriva do grego antigo *emús* (tartaruga de água doce) (Agassiz, 1844).

**Eretmochelys.** /ɛret'mɔkelis/. *Eretmochelys* Fitzinger, 1843: do grego antigo *eretmón* (remo) e *khélus* (tartaruga), em referência à forma remiforme dos membros anteriores das tartarugas deste gênero, adaptados à natação (Agassiz, 1844).

**erythrocephala.** /eritro'sɛfala/. Do basônimo *Emys erythrocephala* Spix, 1824 (hoje *Podocnemis erythrocephala*): do grego antigo *eruthrós* (vermelho) e *kephalé* (cabeça), referência às manchas cefálicas avermelhadas, característica diagnóstica da espécie. “*capite flavo-aurantio*” (Spix, 1824).

**expansa.** /ɛks'pãnsa/. Do basônimo *Emys expansa* Schweigger, 1812 (hoje *Podocnemis expansa*): do latim *expansa* (expandida). Com uma carapaça medindo até 90 cm e pesando entre 30 e 45 kg, é a maior espécie de quelônio continental da América do Sul (Rueda-Almocidad *et al.*, 2007), fazendo jus ao seu nome.

**fimbriata.** /fimbri'ata/. Do basônimo *Testudo fimbriata* Schneider, 1783 (hoje *Chelus fimbriata*): do latim *fimbriata* (fimbriada, franjada), referência às diversas fímbrias presentes na cabeça e pescoço dos indivíduos desta conspícua espécie amazônica (Ernst & Barbour, 1989). “*der kopf ist vorn mit einer schwielichten haut bedekt die sich hinten in dren lappen zertheilt*” (Schneider, 1783).

**Geoemydidae.** /ʒeo'e'midide/. Geoemydidae Theobald, 1868: do gênero *Geoemyda* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Geoemidídeos. O gênero *Geoemyda* não possui representantes nativos da fauna brasileira. O nome deriva do grego antigo *gê* (terra) e *emús* (tartaruga de água doce) (Agassiz, 1844).

**geoffroanus.** /ʒεofro'ãnus/. Do basônimo *Emys geoffroana* Schweigger, 1812 (hoje *Phrynops geoffroanus*): junção de Geoffroy e *-ana/-anus* (sufixo latim indicando pertencimento), em uma homenagem ao naturalista francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772–1844). Em 1808, quando os exércitos napoleônicos invadiram Portugal, Geoffroy Saint-Hilaire saqueou o Museu da Ajuda, que guardava coleções de história natural de Portugal e suas colônias, como o Brasil. O material foi levado ao Museu Nacional de História Natural de Paris, incluindo o exemplar que baseou a descrição de *P. geoffroanus* (Vanzoli-

ni, 1996). “*Vidi specimen in museo Parisiensi, quod il. Geoffroy Lisbonae in museo regio collegerat.*” (Schweigger, 1812).

**gibba.** /'ʒiba/. Do basônimo *Emys gibba* Schweigger, 1812 (hoje *Mesoclemmys gibba*): do latim *gibber* (corcova, convexidade), possivelmente em referência ao formato da carapaça (Ernst, 1981).

**hilarii.** /i'larii/. Do basônimo *Platemys hilarii* Duméril & Bibron, 1835 (hoje *Phrynops hilarii*): junção de *Hilarius* (forma latinizada de Hilaire) e *-ii* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779–1853). Entre 1816 e 1822, Saint-Hilaire viajou por diversas províncias do Brasil e países vizinhos, tendo coletado valioso material naturalístico destinado ao Museu Nacional de História Natural de Paris, incluindo o exemplar no qual se baseia a descrição de *Phrynops hilarii*. Augustin não tinha parentesco próximo com os também naturalistas franceses Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772–1844) e seu filho, Isidore (1805–1861), a quem alguns autores erroneamente atribuem a homenagem de *P. hilarii* (Beolens et al., 2011). Contudo, o texto do zoólogo francês André Marie Constant Duméril (1774–1860) e seu assistente Gabriel Bibron (1806–1848) claramente se refere a Augustin (Auguste)



como homenageado. “*Nous l’avons dédiée à M. Auguste de Saint-Hilaire, auquel le Muséum est redevable du seul individu qu’il en possède.*” (Duméril & Bibron, 1835).

**Hydromedusa.** /idrome'duza/. *Hydromedusa* Wagler, 1830: do grego antigo *húdor* (água) e *Médousa* (guardiã), ou seja, guardiã da água. A etimologia não faz referência à górgona Medusa da mitologia grega, mas tem a mesma raiz etimológica. “*Υδρομεδουση, ὑδω aqua, et μεδω impero*” (Wagler, 1830).

**hogeï.** /'ɔʒei/. Do basônimo *Phrynops hogeï* Mertens, 1967 (hoje *Ranacephala hogeï*): junção de Hoge e *-i* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo belga-brasileiro Alphonse Richard Hoge (1912–1982), da Seção de Herpetologia do Instituto Butantan. Hoge e Robert Mertens eram amigos, e o exemplar utilizado por Mertens na descrição da espécie permanecia em cativeiro no Butantan.

**imbricata.** /imbrí'kata/. Do basônimo *Testudo imbricata* Linnaeus, 1766 (hoje *Eretmochelys imbricata*): do latim *imbricata* (imbricada), referente à imbricação das placas córneas do casco da tartaruga, arranjadas como se fossem telhas (Ernst & Barbour, 1989). “*testa cordata subcarinata serrata: scutellis imbricatis*” (Linnaeus, 1766).

**jurutiensis.** /ʒurusi'ensis/. Do basônimo *Mesoclemmys jurutiensis* Cunha, Sampaio, Carneiro & Vogt, 2021: de Juruti e *-ensis* (sufixo gentílico, que expressa a origem), uma referência ao município no interior do estado do Pará, onde a maioria dos indivíduos usados na descrição da espécie foram coletados (Cunha et al., 2021). Segundo os autores, Juruti deriva do tupi *yuru-ty* (pescoço forte), em alusão a um tipo de pomba comum na época da colonização da região. “*The specific epithet jurutiensis refers to a small municipality in the interior of the Brazilian Amazon, Juruti, in western Pará, because most of the specimens were found in this area. It is a Latinized word referencing the city. The name Juruti (Yuru-ty) is derived from the indigenous name for the tree trunk Tupi, which means strong neck, alluding to the aspect of the dove that sings in this region and was common in the epoch of the colonization of this city. It is one of the 144 cities in the state of Pará, in northern Brazil, with a rich cultural and natural history.*” (Cunha et al., 2021).

**Kinosternidae.** /kinos'tɛrnide/. *Kinosternidae* Agassiz, 1857: do gênero *Kinosternon* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Quinosternídeos.

**Kinosternon.** /kinos'tɛrnɔn/. *Kinosternon* Spix, 1824: do grego antigo

*kinéo* (mover) e *stérnon* (caixa) (Agassiz, 1844). O naturalista bávaro Johann Baptist von Spix (1781–1826) criou um gênero particular para as espécies de quelônios com o plastrão articulado, dividido em três seções (a central é fixa e a anterior e posterior são móveis).

**Lepidochelys.** /lɛpi'dɔkɛlis/. *Lepidochelys* Fitzinger, 1843: do grego antigo *lepís* (revestimento, escama, casca) e *khélus* (tartaruga) (Agassiz, 1844); provavelmente, uma referência à quantidade de escudos costais que as tartarugas desse gênero apresentam (cinco ou mais) (Uetz et al., 2022).

**macrocephala.** /makro'sɛfala/. Do basônimo *Platemys macrocephala* Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984 (hoje *Acanthochelys macrocephala*): do grego antigo *makrós* (longo, grande) e *kephalé* (cabeça), comparada às espécies à época alocadas no mesmo gênero. “*The name macrocephala refers to the extremely large head size of this species as compared to other Platemys.*” (Rhodin et al., 1984).

**maximiliani.** /maksimili'ãni/. Do basônimo *Emys Maximiliani* Mikan, 1820 (hoje *Hydromedusa maximiliani*): junção de Maximilian e -i (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), homenagem a Maximilian Alexander Phillip (1782–1867), Príncipe de Wied-Neuwied, hoje uma região da Alemanha. Maximilian foi um natura-

lista e explorador, tendo viajado pelo Sudeste e Leste do Brasil entre 1815 e 1817. O também naturalista Johann Christian Mikan (1769–1844) visitou o Brasil entre 1817 e 1818 como parte da expedição austríaca enviada ao País após o acordo matrimonial entre Dom Pedro I e a Arquiduquesa Leopoldina da Áustria (Papavero, 1971). Ao descrever a espécie em homenagem a Maximilian, Mikan afirmou que o príncipe foi seu antecessor em uma “gloriosa peregrinação” pelo Brasil. “*Quam ego speciem Celsissimi naturae scrutatoris, Maximiliani Principis de Wied-Neuwied, recentiorum in ditissimam illam terrae plagam peregrinantium gloriosi antecessoris, nomine inscripsi.*” (Mikan, 1820).

**Mesoclemmys.** /mɛzo'klemis/. *Mesoclemmys* Gray, 1873: do grego antigo *mésos* (meio, centro) e *klemmús* (tartaruga). A ideia de meio se dá porque, segundo Gray, o gênero estaria entre *Hydraspis* e *Platemys*. “*This genus is between Hydraspis and Platemys in the form of the skull, but is known from both by the regular shields on the head.*” (Gray, 1873).

**mydas.** /'midas/. Do basônimo *Tesudo mydas* Linnaeus, 1758 (hoje *Chelonia mydas*): do grego antigo *múdos* (molhado, úmido). Lineu usou *mydas* baseando-se na prévia descrição científica do zoólogo neerlandês Albertus Seba (1665–1736). No *Locupletissimi*

*Rerum Naturalium Thesauri*, Seba afirmou que os gregos a chamavam de *potamía khelónē* (tartaruga dos rios) e *múdas* (molhada, úmida), certamente para distingui-la dos quelônios terrestres. “*Graecis Ποταμία Χελωνη, vulgo & Mydas vocatur*” (Seba, 1734). Sua etimologia não deve ser confundida com a de Midas, o rei frígio da Mitologia Grega.

**nasuta.** /na'zuta/. Do basônimo *Emys nasuta* Schweigger, 1812 (hoje *Mesoclemmys nasuta*): do latim *nasuta* (nariguda), por causa do focinho cilíndrico. “*tubo narium cylindrico.*” (Schweigger, 1812).

**olivacea.** /oli'vasea/. Do basônimo *Chelonia olivacea* Eschscholtz, 1829 (hoje *Lepidochelys olivacea*): do latim *olivacea* (olivácea, da cor de oliva), em referência à cor do dorso da cabeça, dos membros e da carapaça. “*die obere Seite des Kopfes, der Beine und der Riickenschaale ist olivengrün, alle Theile an der untern Seite blafs gelb, so auch die äufsern Ränder der Randschilder;*” (Eschscholtz, 1829).

**orinocensis.** /orino'sensis/. Do basônimo *Chelus orinocensis* Vargas-Ramírez, Caballero, Morales-Betancourt, Lasso, Amaya, Martínez, Viana, Vogt, Farias, Hrbek, Campbell & Fritz, 2020: junção de Orinoco e *-ensis* (sufixo genético, que expressa a origem), em refe-

rência à bacia do rio onde as populações desta espécie majoritariamente ocorrem. “*The species name orinocensis is a Latinized adjective and refers to the Orinoco drainage as core distribution of the new species.*” (Vargas-Ramírez et al., 2020).

**Peltocephalus.** /pɛlto'sɛfalus/. *Peltocephalus* Duméril & Bibron, 1835: do grego antigo *pélte* (pelta, um pequeno escudo em forma de crescente) e *kephalé* (cabeça), em referência à disposição das escamas cefálicas que lembrariam um capacete. “*Nous répétons ici que nous avons cherché à indiquer par ce nom de Peltocéphale, la disposition particulière des écailles qui recouvrent le crâne comme vme sorte de casque, de Πέλτη, un écusson et de κεφαλή, tête*” (Duméril & Bibron, 1835).

**perplexa.** /per'pleksa/. Do basônimo *Mesoclemmys perplexa* Bour & Zaher, 2005: do latim *perplexa* (perplexa, confundida), em referência ao local onde a espécie foi observada, Parque Nacional da Serra das Confusões, no Piauí, e à dificuldade de lhe atribuir o gênero. “*Perplexa (latin) means confused, intricate, obscure, or ambiguous, and refers to the place where the taxon was observed, Serra das Confusões; it also alludes to its ambiguous generic attribution, and that of its allies.*” (Bour & Zaher, 2005).

**Phrynops.** /'frinɔps/. *Phrynops* Wagler, 1830: do grego antigo *phrûnos* (sapo) e *óps* (olho, face). As tartarugas deste gênero são conhecidas como *cabeza de sapo*, em espanhol, e *toadhead*, em inglês. “Φρυνος *bufo*, et ωψ *vultus*” (Wagler, 1830).

**Platemys.** /'platemis/. *Platemys* Wagler, 1830: do grego antigo *platús* (largo e chato, plano) e *emús* (cágado). O nome faz referência ao casco achatado dorsoventralmente. “Πλανυς *planus*, et έμυς *testudo*” (Wagler, 1830).

**platycephala.** /plati'sefala/. Do basônimo *Testudo platycephala* Schneider, 1792 (hoje *Platemys platycephala*): do grego antigo *platús* (largo e chato, plano) e *kephalé* (cabeça), em referência ao dorso da cabeça e à carapaça chatos. “*Die Wasserschildkröte mit platten flachen kopfe, oben platten, anden Seiten gebrochenen Ruckenschilde.*” (Schneider, 1792).

**Podocnemididae.** /podɔkne'midi-de/. Podocnemididae Cope, 1869: do gênero *Podocnemis* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *eîdos* [forma, tipo]): Podocnemidídeos.

**Podocnemis.** /podok'nemis/. *Podocnemis* Wagler, 1830: do grego antigo *podós* (pé) e *knemís* (greva, uma armadura de ferro que cobria a perna), devido à presença de grandes escamas na borda posterior das patas traseiras.

“Πους *pes*, et χνημις *ocres*” (Wagler, 1830).

**punctularia.** /punktu'laria/. Do basônimo *Testudo punctularia* Daudin, 1801 (hoje *Rhinoclemys punctularia*): do latim *punctularia* (com pontinhos). Ernst & Barbour (1989) afirmam que o nome é referente a característicos pontos pretos no pescoço e nas pernas do animal. Contudo, como nos alertou o Prof. Marinus S. Hoogmoed, esta explicação estaria equivocada, pois *R. punctularia* não possui pontos pretos na cabeça e pescoço, mas um ponto vermelho em frente a cada olho, que se torna amarelo quando preservado, característica citada por François-Marie Daudin (1774–1804) na descrição da espécie: “*il y aune petite tache jaune au devant de chaque orbite, et des traits jaunes longitudinaux sur les joues.*” (Daudin, 1801).

**radiolata.** /radio'lata/. Do basônimo *Emys radiolata* Mikan, 1820 (hoje *Acanthochelys radiolata*): do latim *radiolata* (com pequenos raios [*radius*]), referência ao padrão de cor dos escudos da carapaça, constituído por uma série de raios claros e escuros (Ernst & Barbour, 1989). “*scutellis omnibus planis, radiolato-rugosis*” (Mikan, 1820).

**Ranacephala.** /rãna'sefala/. *Ranacephala* McCord, Joseph-Ouni & Lamar, 2011: do latim *rana* (rã) com o

grego antigo *kephalé* (cabeça), devido ao formato da cabeça. “*Latin, rana for ‘frog,’ and Greek kephale for ‘head.’ The ‘Froghead Turtle’*”. (McCord et al., 2001).

**raniceps.** /'rãnisɛps/. Do basônimo *Hydraspis raniceps* Gray, 1856 (hoje *Mesoclemmys raniceps*): do latim *rana* (rã) e *ceps* (cabeça). O zoólogo britânico John Edward Gray (1800–1875) apresentou a espécie com o nome comum *Toad-headed Hydraspis* (“*Hydraspis* cabeça-de-sapo”) (Gray, 1856). O nome específico é apenas uma latinização.

**Rhinemys.** /'rinemis/. *Rhinemys* Wagler, 1830: do grego antigo *rhinós* (genitivo de *rhís*: nariz, focinho) e *emús* (cágado), devido ao focinho relativamente proeminente. “*Ῥίς nasus, et ἔμυς testudo*” (Wagler, 1830).

**Rhinoclemmys.** /rino'klemis/. *Rhinoclemmys* Fitzinger, 1835: do grego antigo *rhinós* (genitivo de *rhís*: nariz, focinho) e *klemmús* (tartaruga); referência às narinas projetadas como um focinho.

**rufipes.** /'rufipes/. Do basônimo *Emys rufipes* Spix, 1824 (hoje *Rhinemys rufipes*): do latim *rufus* (avermelhado, ruivo) e *pes* (pé). O nome se refere à cor avermelhada dos membros dos representantes desta espécie (que também possuem a cabeça e partes mo-

les em geral neste tom), descrita pelo naturalista bávaro Johann Baptist von Spix (1781–1826) a partir de material coletado por ele próprio durante suas viagens pela Amazônia, mais especificamente no rio Solimões, entre 1819 e 1820. “*Pedes brunneo-flavicantes*” (Spix, 1824).

**spixii.** /'spiksii/. Do basônimo *Platemys spixii* Duméril & Bibron, 1835 (hoje *Acanthochelys spixii*): junção de *Spixius* (forma latinizada de Spix) e *-i* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao naturalista bávaro Johann Baptist von Spix (1781–1826), que explorou diversas regiões do Brasil entre 1817 e 1820 junto com Karl Friedrich Philip von Martius (1794–1868). “*Elle fait une espèce particulière que nous avons dédiée à celui qui le premier l’a fait connaître.*” (Duméril & Bibron, 1835).

**tectifera.** /tek'tifera/. Do basônimo *Hydromedusa tectifera* Cope, 1870: do latim *tectum* (cobertura) e *fero* (carregar, possuir), em referência à carapaça, especialmente ao prolongamento da sua margem anterior (Ernst & Barbour, 1989). “*This species differs from those already known, in the greater extension forwards and laterally of the anterior margin of the carapace.*” (Cope, 1870).

**sabiniparaensis.** /sabinipara'ensis/. Do basônimo *Mesoclemmys sabin-*

*niparaensis* Cunha, Sampaio, Carneiro, Vogt, Mittermeier, Rhodin & Andrade, 2022: junção de Sabin e -i (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos) mais a junção de Pará e -ensis (sufixo gentílico, que expressa a origem). O nome faz uma homenagem ao magnata e filantropo estadunidense Andrew Sabin (1945–), fundador da Andrew Sabin Family Foundation – instituição de fomento à pesquisa científica –, e uma homenagem ao estado brasileiro do Pará, de onde a espécie foi descrita. “*The first part of the specific epithet, sabini, is a patronym honoring Andrew Sabin, in recognition of his valuable contributions to species conservation, most especially for endangered amphibians and turtles, and to the protection wildlife habitats around the world. The second part of the epithet, -paraensis, refers to the Brazilian state of Pará where the species was discovered. The state of Pará, one of the 27 comprising the República Federativa do Brasil, is the second-largest state of the country. The origin of the name Pará is from the indigenous language of the Tupi-guarani: “Pa’ra” meaning river-sea (toponym τόποςὄνομα), their name for the Para River, a right-bank tributary of the Amazonas River, which, when mixing with the Tocantins River, produces a body of water so large it is not possible to see the opposite bank. On the arrival of the Portuguese, the province was given the name of Grao-Pará (mighty river), eventually shortened to Pará.*” (Cunha et al., 2022).

**scorpioides.** /skorpi'ɔjdes/. Do basônimo *Testudo scorpioides* Linnaeus, 1766 (hoje *Kinosternon scorpioides*): do grego antigo *skorpíos* (escorpião) e *eîdos* (forma, tipo), ou seja, escorpioide, parecido com escorpião. A característica marcante que a fez ser comparada ao aracnídeo é a presença de uma garra na extremidade da cauda, o que lembraria o aguilhão ao final do metasoma do escorpião (Barry & Iverson, 2001). “*Caudae apex armatus ungue incurvo*” (Linnaeus, 1766).

**sextuberculata.** /sɛkstuberku'lata/. Do basônimo *Podocnemis sextuberculata* Cornalia, 1849: do latim *sex* (seis) e *tuberculata* (tuberculada), devido à presença de três tubérculos de cada lado do plastrão, visíveis nos indivíduos juvenis, mas que desaparecem nos adultos (Iverson et al., 2017). “*testa ovata, staerno fortiter adhaesa, hoc sex tuberculos praebente secus margines laterales*” (Cornalia, 1849).

**Testudines.** /testu'dines/. Testudines Batsch, 1788: do latim *testudines*, plural de *testudo* (tartaruga). Testudíneos. Existe um debate entre os acadêmicos da Nomenclatura Zoológica quanto ao nome correto (e seu autor) a ser adotado para o grupo que engloba as tartarugas, cágados e jabutis. Alguns, por exemplo, argumentam a favor do nome *Chelonii* Brongniart, 1800, muito utilizado no século XIX (de onde se originou o termo quelônio para os rép-

teis com casco). Uma vez que o debate segue sem definição, até porque o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica não rege a nomenclatura de ordens, classes e demais categorias hierárquicas superiores (ICZN, 1999), usamos aqui Testudines, nome mais adotado nas últimas décadas, inclusive entre os taxonomistas do grupo (Rhodin et al., 2021).

**Testudinidae.** /testu'dinide/. Testudinidae Batsch, 1788: do gênero *Testudo* e *-idae* (sufixo de família, do grego antigo *éidos* [forma, tipo]). Testudinídeos.

**Trachemys.** /'trakemis/. *Trachemys* Agassiz, 1857. O zoólogo francês André Marie Constant Duméril (1774–1860), no *Zoologie analytique* (Duméril, 1805), já havia nomeado o gênero *Emys* para abrigar algumas espécies de quelônios de água doce. Ele simplesmente latinizou a palavra *emús*, do grego antigo, que significa tartaruga de água doce (ou cágado, no âmbito brasileiro). Essa nomenclatura influenciou a de diversos gêneros que empregaram *-emys* como radical positivo. Meio século depois, o naturalista suíço Louis Agassiz (1807–1873) cunhou o nome *Trachemys*, que anexa um radical vindo de *trakhús* (rugoso, áspero), em referência à carapaça rugosa. “*At first smooth, they afterwards assume radiating ridges, up to the seventh or eighth year; and, finally, longitudinal*

*ridges and rugosities prevail upon the scales.*” (Agassiz, 1857),

**tuberculata.** /tuberku'lata/. Do basônimo *Rhinemys tuberculata* Luederwaldt, 1926 (hoje *Mesoclemmys tuberculata*): do latim *tuberculata* (tuberculada), em referência aos tubérculos presentes no pescoço. “*Pescoço por cima ocupado de modo mediocremente denso por tubérculos erectos, agudos (bem semelhante ao caso de Platemys Spixi).*” (Luederwaldt, 1926).

**tuberosus.** /tube'rozus/. Do basônimo *Platemys tuberosa* Peters, 1870 (hoje *Phrnyops tuberosus*): do latim *tuberosus* (que tem túberas, proeminências). Peters baseou sua descrição em um exemplar juvenil, cuja carapaça apresenta três quilhas vertebrais (túberas) bem-marcadas, característica que o autor considerou para diferenciação entre a nova espécie e *Phrynops geoffroanus* (à época, *Platemys geoffroana*), a qual é morfologicamente mais similar. “*Der Panzer ist höher als bei irgend einer andern Art, was besonders herrührt von der stark gekielten Beschaffenheit der drei mittleren Vertebraleschilder;*” (Peters, 1870).

**unifilis.** /uni'filis/. Do basônimo *Podocnemis unifilis* Troschel, 1848: do latim *unus* (único) e *filum* (fio), em referência ao barbilhão único que os indivíduos possuem na região gular (Schneider et al., 2012). “*Diese Schildkröte*

*hat viel Aehnlichkeit mit P. expansa Wagl., und unterscheidet sich von derselben hauptsächlich dadurch, dass sie nur einen kurzen Bartfaden unter dem Kinn hat.*” (Troschel, 1848).

**vanderhaegei.** /vãnde'ɾɛzei/. Do basônimo *Phrynops tuberculatus vanderhaegei* Bour, 1973 (hoje *Mesoclemmys vanderhaegei*): junção de Vanderhaege e *-i* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo francês Maurice Vanderhaege, coautor do livro *Guide du Terrarium* (1978) e amigo do herpetólogo e paleontólogo francês Roger Bour (1947–2020) (Beolens et al., 2011). “*nomme en l’honneur de Maurice Vanderhaege, de l’Association Herpetologique de France*” (Bour, 1973).

**wermuthi.** /ver'muti/. Do basônimo *Phrynops wermuthi* Mertens, 1969 (hoje *Mesoclemmys wermuthi*): junção de Wermuth e *-i* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo alemão Heinz Wermuth (1918–2002), amigo de Robert Mertens (1894–1975) e então curador-chefe da filial de Ludwigsburg do Museu Estatal de História Natural de Stuttgart. Mertens deu à espécie o nome em memória ao seu primeiro encontro com Wermuth, duas décadas antes. “*Genannt ist die neue Art zu Ehren meines Kollegen und Freundes Dr. Heinz Wermuth, Hauptkonservator am Staatlichen Museum für*

*Naturkunde in Stuttgart, Zweigstelle Ludwigsburg, in Erinnerung an unser erstes Zusammentreffen vor genau Zwei Jahrzehnten.*” (Mertens, 1969).

**williamsi.** /wili'ãmsi/. Do basônimo *Phrynops williamsi* Rhodin & Mittermeier, 1983: junção de Williams e *-i* (sufixo indicando o genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao proeminente herpetólogo estadunidense Ernest Edward Williams (1914–1998), amigo e mentor de Anders Rhodin e Russell Mittermeier. “*(...) it is with great pleasure that we name this new species in honor of Ernest E. Williams, both in appreciation of his wide-reaching contributions to herpetology and the study of turtles, as well as in gratitude for his unfailing support, his friendship, and his guidance in our studies of systematic biology over the years. This has been a most rewarding relationship, undiminished by our respective professional divergences into the fields of orthopaedic surgery and primate conservation, and we take this opportunity to offer him our thanks.*” (Rhodin & Mittermeier, 1983).



## AGRADECIMENTOS

Somos gratos aos professores Marinus S. Hoogmoed e Ulisses Caramaschi pela revisão e sugestões; à professora Teresa C. S. Ávila Pires pela editoração; e a Rodrigo Lingnau pelo auxílio com trechos de textos em alemão.

## REFERÊNCIAS

- Adler K. 1989. Contributions to the History of Herpetology. Volume 1. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Salt Lake City.
- Adler K. 2007. Contributions to the History of Herpetology. Volume 2. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Salt Lake City.
- Agassiz L. 1844. Nomina Systematica Generum Reptilium, tam viventium quam fossilium. Jent et Gassmann, Solothurn.
- Agassiz L. 1847. Nomenclator Zoologicus. Jent et Gassmann, Solothurn.
- Agassiz L. 1857. Contributions to the Natural History of the United States of America. First Monograph. Vol. I. Part I. Essay on Classification. Part II. North American Testudinata. Little, Brown and Co., Boston.
- Azara F.d'. 1801. Essai sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la province du Paraguay, traduit par Moreau Saint-Méry. Avec une appendice sur quelques reptiles. Charles Pougens, Paris.
- Barry J.F., Iverson J.B. 2001. *Kinosternon scorpioides*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 725:1–11.
- Batsch A.J.G.C. 1788. Versuch einer Anleitung, zur Kenntniß und Geschichte der Thiere und Mineralien, für akademische Vorlesungen entworfen, und mit den nöthigsten Abbildungen versehen. Erster Theil. Allgemeine Geschichte der Natur; besondre der Säugthiere, Vögel, Amphibien un. Akademische Buchhandlung, Jena.
- Baur, G. 1888. Osteologische Notizen über Reptilien. (Fortsetzung III). *Zoologischer Anzeiger* 11:417–424.
- Beolens B., Watkins M., Grayson M. 2009. The Eponym Dictionary of Mammals. The John Hopkins University Press, Baltimore.
- Beolens B., Watkins M., Grayson M. 2011. The Eponym Dictionary of Reptiles. Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Beolens B., Watkins M., Grayson M. 2013. The Eponym Dictionary of Amphibians. Pelagic Publishing, Exeter.
- Blainville H. 1816. Prodrome d'une nouvelle distribution systématique du

règne animal. *Bulletin des Sciences par la Société Philomatique de Paris* 1816:105–112, 121–124.

Borrer D.J. 1960. Dictionary of word roots and combining forms. Mayfield Publishing Company, Mountain View.

Bour R. 1973. Contribution a la connaissance de *Phrynops nasutus* (Schweigger: 1812) et *Phrynops tuberculatus* (Luederwaldt: 1926). Description d'une nouvelle sous-espèce originaire du Paraguay, *Phrynops tuberculatus vanderhaegei* (Testudinata-Pleurod. *Bulletin de la Société Zoologique de France* 98:175–190.

Bour R., Zaher H. 2005. A new species of *Mesoclemmys*, from the open formations of northeastern Brazil (Chelonii, Chelidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 45:295–311. doi: [10.1590/S0031-10492005002400001](https://doi.org/10.1590/S0031-10492005002400001).

Braun J.K., Mares M.A. 1995. The mammals of Argentina: an etymology. *Mastozoología Neotropical* 2:173–206.

Brongniart A. 1800. Essai d'une classification naturelle des reptiles. [2]. *Bulletin des Sciences par la Société Philomatique* 3:81–82, 89–91.

Brown R.W. 1954. Composition of Scientific Words: A manual of methods and a lexicon of materials for the prac-

tice of logotechnics. Published by the author, Baltimore.

Cacciali P., Scott N.J., Ortiz A.L.A., Fitzgerald L.A., Smith P. 2016. The Reptiles of Paraguay: Literature, Distribution, and an Annotated Taxonomic Checklist. *Special Publication of the Museum of Southwestern Biology* 11:1–373.

Catalán-Morcillo S. 2016. Análisis etnográfico y lexicográfico de los indoeuropeísmos em El Carnero. *Cuadernos de la Alfal* 8:136–157.

Cope E.D. 1869. On the Origin of Genera. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* 20:242–300.

Cope E.D. 1870. Seventh contribution to the herpetology of Tropical America. *Proceedings of the American Philosophical Society* 11:147–169.

Cornalia E. 1849. Vertebratorum synopsis in Museo mediolanense extantium quæ per Novam orbem Cajetanus Osculati collegit annis 1846–47–1848 speciebus novis vel minus cognitis adjectis nec non Descriptionibus atque Iconibus Illustratis, curante Æmilio Cornalia. Typographia Corbetta, Modoetia.

Costa H.C., Guedes T.B., Bérnils R.S. 2022 “2021”. Lista de répteis do Bra-

sil: padrões e tendências. *Herpetologia Brasileira* 10:110–279.

Cunha F.A.G., Sampaio I., Carneiro J., Vogt R.C. 2021. A New Species of Amazon Freshwater Toad-Headed Turtle in the Genus *Mesoclemmys* (Testudines: Pleurodira: Chelidae) from Brazil. *Chelonian Conservation and Biology* 20:151–166. doi: [10.2744/CCB-1448.1](https://doi.org/10.2744/CCB-1448.1).

Cunha F.A.G., Sampaio I., Carneiro J., Vogt R.C., Mittermeier R.A., ..., Andrade M.C. 2022. A new South American freshwater turtle of the genus *Mesoclemmys* from the Brazilian Amazon (Testudines: Pleurodira: Chelidae). *Chelonian Conservation and Biology* 21(2):158–180. doi: [10.2744/CCB-1524.1](https://doi.org/10.2744/CCB-1524.1).

Cuvier G. 1807. Sur les différentes espèces de crocodiles vivants et sur leurs caractères distinctifs. *Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle* 10:8–66.

Dance S.P. 2009. A name is a name is a name: some thoughts and personal opinions about molluscan scientific names. *Zoologische Mededelingen* 83:565–576.

Daudin F.M. 1801. Histoire Naturelle, Générale et Particulière des Reptiles. Tome Second. Imprimerie F. Dufart, Paris.

Deraniyagala P.E.P. 1939. The Tetrapod Reptiles of Ceylon. Vol. 1 Testudines and Crocodylians. Colombo Museum, Colombo.

Duméril A.M.C. 1805. Zoologie Analytique, ou Méthode Naturelle de Classification des Animaux. Perronneau, Paris.

Ernst C.H. 1981. *Phrynops gibbus*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 279:1–2.

Ernst C.H. 1987. *Platemys, Platemys platycephala*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 405:1–4.

Ernst C.H., Barbour R.W. 1989. Turtles of the World. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C.

Ernst C.H., Leuteritz T.E.J. 1999a. *Geochelone carbonaria*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 690:1–7.

Ernst C.H., Leuteritz T.E.J. 1999b. *Geochelone denticulata*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 691:1–6.

Eschscholtz J.F. 1829. Zoologischer Atlas, enthaltend Abbildungen und Beschreibungen neuer Thierarten, während des Flottcapitains von Kotzebue zweiter Reise um die Welt, auf der Russisch-Kaiserlichen Kriegsschlupp Predpriaetië in den Jahren 1823–1826.

Fitzinger L.J. 1835. Entwurf einer systematischen Anordnung der Schildkröten nach den Grundsätzen der natürlichen Methode. *Annalen des Wiener Museums der Naturgeschichte* 1:105–128.

Fitzinger L.J. 1843. *Systema Reptilium. Fasciculus Primus: Ambyglossae*. Braunmüller et Seidel, Vienna.

Gotch A.F. 1996. *Latin Names Explained: A Guide to the Scientific Classification of Reptiles, Birds and Mammals*. Facts on File, New York.

Gray J.E. 1825. A synopsis of the genera of reptiles and Amphibia, with a description of some new species. *The Annals of Philosophy* 10:193–217.

Gray J.E. 1844. *Catalogue of the Tortoises, Crocodiles, and Amphisbaenians, in the collection of the British Museum*. Trustees of the British Museum, London.

Gray J.E. 1856. *Catalogue of shield reptiles in the collection of the British Museum*. Trustees of the British Museum, London.

Gray J.E. 1862. A synopsis of the species of Alligators. *Annals and Magazine of Natural History* 10:327–331. doi: 10.1080/00222936208681333.

Gray J.E. 1873. Observations on chelonians, with descriptions of new genera and species. *Annals and Magazine of Natural History* 4:289–308.

International Commission on Zoological Nomenclature. 1999. *International Code of Zoological Nomenclature*. International Trust for Zoological Nomenclature, London.

Iverson J.B., Schneider L., Vogt R.C. 2017. *Podocnemis sextuberculata*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 913:1–24.

Jobling J. 2010. *The Helm Dictionary of Scientific Bird Names, from Aalge to Zusii*. A&C Black Publishers, London.

Lalchhandama K. 2014. Taxonomic (r)evolution, or is it that zoologists just want to have fun? *Science Vision* 14:221–233.

Larsen K. 2007. SAURON, Mount Doom, and Elvish Moths: The Influence of Tolkien on Modern Science. *Tolkien Studies* 4:223–234. doi: [10.1353/tks.2007.0024](https://doi.org/10.1353/tks.2007.0024).

Lavilla E.O., Caramaschi U., Langone J.A., Baêta D. 2022. Etymologies of Brazilian Amphibians. *Herpetologia Brasileira* 10, Sup1:7–290.

- Liddell H.G., Scott R. 1883. Greek-English Lexicon. Harper & Brothers, New York.
- Linnaeus C. 1758. Systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus 1. L. Salvii, Stockholm.
- Linnaeus C. 1766. Systema naturae per regna tria nature secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus. 1. L. Salvii, Stockholm.
- Luederwaldt H. 1926. Os Chelonios brasileiros, com a lista das espécies do Museu Paulista. *Revista do Museu Paulista* 14:404–468.
- Magnusson W.E. 1992a. *Paleosuchus* Gray. Dwarf Caiman. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 553:1–4.
- Magnusson W.E. 1992b. *Paleosuchus palpebrosus*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 554:1–2.
- Magnusson W.E. 1992c. *Paleosuchus trigonatus*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 555:1–3.
- McCord W.P., Joseph-Ouni M., Lamar W.W. 2001. Taxonomic Reevaluation of *Phrynops* (Testudines: Chelidae) with the description of two new genera and a new species of *Batrachemys*. *Revista de Biologia Tropical* 49:715–764.
- Mertens R. 1967. Bemerkenswerte Süßwasserschildkröten aus Brasilien. *Senckenbergiana Biologica* 48:71–82.
- Mertens R. 1969. Eine neue Halswender-Schildkröte aus Peru. *Senckenbergiana Biologica* 50:132.
- Mikan J.C. 1820. Delectus Horae et faunae brasiliensis. Fasciculus Primus. Antonii Strauss, Wien.
- Mook C.C., Mook G.E. 1940. Some problems in crocodilian nomenclature. *American Museum Novitates* 1098:1–10.
- Mouchard A. 2019. Etimología de los nombres científicos de los mamíferos de Argentina : su significado y origen. Fundación de Historia Natural Félix de Azara, Buenos Aires.
- Oppel M. 1811. Die Ordnungen, Familien und Gattungen der Reptilien als Prodrom einer Naturgeschichte derselben. Lindauer, Munich.
- Palmer T.S. 1904. Index generum mammalium: a list of the genera and family of mammals. *North American Fauna* 23:1–984.

- Papavero N. 1971. Essays on the History of Neotropical Dipterology, with special reference to collectors (1750-1905). Vol. I. Museu de Zoologia, USP, São Paulo.
- Partridge E. 2006. Origins: a short etymological dictionary of modern English. Routledge, London and New York.
- Peters W.K.H. 1870. *Platemys tuberosa*, eine neue Art von Schildkröten aus British-Guiana. *Monatsberichte der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin* 1870:311–313.
- Rafinesque C.S. 1814. Prodrone di erpetologia Siciliana. *Specchio delle Scienze, Palermo* 2:65–67, 102–104.
- Rafinesque C.S. 1815. Analyse de la Nature ou Tableau de l'Univers et des Corps Organisés. Aux dépens de l'Auteur, Palermo.
- Rhodin A.G.J., Mittermeier R.A., McMorris J.R. 1984. *Platemys macrocephala*, a new species of chelid turtle from central Bolivia and the Pantanal region of Brazil. *Herpetologica* 40:38–46.
- Rhodin A.G.J., Iverson J.B., Bour R., Fritz U., Georges A., Shaffer H.B., van Dijk P.P. 2021. Turtles of the World: Annotated Checklist and Atlas of Taxonomy, Synonymy, Distribution, and Conservation Status (9th Ed.). *Chelonian Research Monographs* 8:1–472. doi: 10.3854/crm.8.checklist.atlas.v9.2021.
- Rhodin A.G.J., Mittermeier R.A. 1983. Description of *Phrynops williamsi*, a new species of Chelid turtle of the South American *P. geoffroanus* complex. Pp. 58–73, in Rhodin A.G.J. and K.M. (Ed.) Advances in Herpetology and Evolutionary Biology: Essays in Honor of Ernest E. Williams. Museum of Comparative Zoology, Cambridge.
- Rigolon R.G. 2019. A Pronúncia do Latim Científico. 2ª Edição. Editora UFV, Viçosa.
- de Rochefort C. 1658. Histoire naturelle et morale des îles Antilles de l'Amérique. Chez Arnould Leers, Rotterdam.
- Rueda-Almocidad J.V., Carr, J.L., Mittermeier, R.A., Rodríguez-Mahecha J.V., Mast R.B., Vogt, Richard C., Rhodin, Anders G.J., De La Ossavelásquez J., Rueda J.N., Mittermeier C.G. 2007. Las Tortugas e los Cocodrilianos de los Países Andinos del Trópico. Conservation Internacional, Bogotá.
- Savage J.M. 2017. Crocodilian Confusion: The Order-group Names Crocodyli, Crocodilia, Crocodylia, and the Authorship of the Family-group Name Crocodylidae or Crocodylidae. *Herpetological Review* 48:110–114.

Scharpf C., Lazara K.J. 2022. The ETY-Fish Project (acesso em 06 de janeiro de 2022). Database acessível em <https://etyfish.org/>

Schneider J.G. 1783. Allgemeine Naturgeschichte der Schildkröten, nebst einem systematischen Verzeichnisse der einzelnen Arten und zwey Kupfern. J.G. Müller, Leipzig.

Schneider J.G. 1792. Beschreibung und Abbildung einer neuen Art von Wasserschildkröte nebst Bestimmungen einiger bisher wenig bekannten fremden Arten. *Schriften der Gesellschaft Naturforschender Freunde zu Berlin* 10:259–283.

Schneider J.G. 1801. *Historiae amphibiorum naturalis et literariae. Fasciculus secundus: continens crocodilos, scincos, chamaesauras, boas, pseudo-boas, elapes, angues, amphisbaenas et caecilias.* Friederici Frommanni, Jena.

Schneider L., Iverson J.B., Vogt R.C. 2012. *Podocnemis unifilis. Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 890:1–33.

Schweigger A.F. 1812. *Prodromus Monographia Cheloniorum auctore Schweigger. Königsberg Archiv für Naturwissenschaft und Mathematik* 1812:271–368.

Seba A. 1734. *Locupletissimi Rerum Naturalium Thesauri Accurata Descriptio, et Iconibus Artificiosissimis Expressio, per Universam Physices Historiam.* Tomus I. J. Weststenium, & Gul. Smith, & Janssonio-Waesbergios, Amsterdam.

Spix J.B. 1824. *Animalia Nova sive species novae Testudinum et Ranarum quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspiciis Maximilliani Josephi. Bavariae Regis. Franc. Seraph. Hübschmanni, Munich.*

Spix J.B. 1825. *Animalia nova sive species novae Lacertarum quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXV-IIM-DCCCXX jussu et auspiciis Maximilianii Josephi I Bavariae Regis. Franc. Seraph. Hübschmanni, München.*

The Taino Language Project. 2020. The Modern Taino Dictionary (acesso em 26 de dezembro de 2022). Database acessível em <https://www.taino-tribe.org/tedict.html>

Theobald W. 1868. *Catalogue of Reptiles in the Museum of the Asiatic Society of Bengal. Journal of the Asiatic Society Extra Numb:1–88.*

Troschel H. 1848. *Amphibien.* Pp. 645–661, in Schomburgk M.R. (Ed.) *Reisen in Britisch-Guiana in den Jahren 1840–44.* Im Auftrage Majestät des

Königs von Preussen ausgeführt. Versuch einer Zusammenstellung der Fauna und Flora von Britisch-Guiana. Weber, Leipzig.

Uetz P., Freed P, Aguilar R., Reyes F., Hošek J. 2022, *Lepidochelys olivacea* (Ehsholtz, 1829). The Reptile Database (acesso em 06 de janeiro de 2022). Database acessível em <http://www.reptile-database.org>

Vandellius D. 1761. Epistola de Holothurio, et Testudine Coriacea ad Celeberrimum Carolum Linnaeum. Conzatti, Padova.

Vanzolini P.E. 1995. A new species of turtle, genus *Trachemys*, from the State of Maranhão, Brazil (Testudines, Emydidae). *Revista Brasileira de Biologia* 55:111–125.

Vanzolini P.E. 1996. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. *Revista USP* 30:190–238. doi: 10.11606/issn.2316-9036.voi30p190-238.

Vargas-Ramírez M., Caballero S., Morales-Betancourt M.A., Lasso C.A., Amaya L., Martínez J.G., ... Fritz U. 2020. Genomic analyses reveal two species of the matamata (Testudines: Chelidae: *Chelus* spp.) and clarify their phylogeography. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 148:106823. doi: 10.1016/j.ympev.2020.106823.

Verdade L.M., Piña C.I. 2006. *Caiman latirostris*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 833:1–21.

Wagler J. 1830. Natürliches System der Amphibien, mit vorangehender Classification der Säugthiere und Vögel. Ein Beitrag zur vergleichenden Zoologie. J. G. Cotta'schen Buchhandlung, München, Stuttgart und Tübingen.

*Editora: T. C. S. Avila Pires*